

# Recursos naturais em África

**B**eneficiando de uma significativa disponibilidade de recursos naturais, em África subsistem, contudo, múltiplos factores de constrangimento a nível nacional e regional a uma maior tradução das possíveis vantagens económicas da posse de recursos naturais em efectivos e sustentáveis processos de desenvolvimento socioeconómico das sociedades em causa.

Partindo de uma situação de desvantagem no que respeita a condições de base para um eficaz aproveitamento destas potencialidades, os países africanos em geral, e em particular os da região subsariana, vêm consolidando um processo de aquisição de capacidades nacionais a nível tecnológico, de capacitação de recursos humanos, e construção de infraestruturas para laboração em sectores-chave no aproveitamento de recursos naturais.

Palco de processos de desenvolvimento incipientes, marcados pela escassez de recursos financeiros locais, os recursos naturais desempenham (e continuam a desempenhar) um papel importante enquanto catalisadores da atracção do investimento directo estrangeiro, veículo muitas vezes incontornável de impulso a projectos na área.

Num quadro onde a nível nacional se verifica, em muitos casos, a existência de uma insuficiente classe empresarial com capacidade financeira para a laboração num sector de capital intensivo, o investimento estrangeiro pode constituir-se em mecanismo de propulsão ao empreendedorismo nacional na área do aproveitamento de recursos naturais.

De igual modo, consolidando processos de pacificação e normalização política, muitos países subsarianos oferecem agora um clima de estabilidade interna mais consentâneo com a captação de fluxos de investimento estrangeiro cuja orientação se posiciona não só no sector da exploração de recursos mas, também, em projectos de construção de infraestruturas a nível nacional cujo desenvolvimento actua, simultaneamente, como causa e consequência de uma maior correlação entre a disponibili-

dade de recursos naturais e o seu efectivo aproveitamento económico.

Para além dos recursos naturais energéticos e minerais, África dispõe ainda de um importante potencial de aproveitamento da terra, do mar e de recursos hídricos disponíveis não só enquanto alicerces de processos nacionais de sustentação alimentar mas, também, passíveis de utilização comercial, nomeadamente nos segmentos agrícola e piscícola. Neste contexto assume, ainda, especial relevância o potencial hidroeléctrico de alguns países em África, num ambiente geral de assina-

láveis carências energéticas impelidas por sistemas de produção e distribuição débeis e insuficientes face a consumos crescentes.

## Recursos naturais "populares"

O recurso natural mais utilizado pela generalidade da população africana, e aquele a que a maioria da população africana tem acesso, são os biocombustíveis, na forma de biomassa, nomeadamente a lenha e, mais concretamente, o carvão. Em África, a biomassa representa aproximadamente 60% do fornecimento de energia primária

(energia que se encontra disponível na natureza), sendo ainda utilizada para a confecção de alimentos e aquecimento de cerca de 90% da população africana (na Ásia, o consumo de energia proveniente de biomassa é de 30,3% e na América Latina é de 18,3%)<sup>1</sup>.

Segundo o estudo de Johan Holmberg, a quantidade de biomassa consumida como energia primária mais do que duplicou desde 1971 neste continente, quer porque é uma energia proveniente de diversas fontes (lenha, resíduos de madeira, serradura, palha e outros resíduos agrícolas,

## RECURSOS MINERAIS E INSTABILIDADE POLÍTICA



Fonte: United Nations Environmental Programme/GRID-Arendal. Sub-Saharan Africa: Mineral resources and political instability. UNEP/GRID-Arendal Maps and Graphics Library. 2006. Baseado no original de: Philippe Rekacewicz — Le Monde Diplomatique. Paris: Julho de 2004. Disponível em: <http://maps.grida.no/go/graphic/sub-saharan-africa-mineral-resources-and-political-instability>

etc.), porque é acessível a todos, por vezes em largas quantidades, porque pode ser produzida pelo seu consumidor e porque pode ser comprimida para facilitar o seu transporte.

Inevitavelmente, a procura deste tipo de energia incute sérios golpes na sustentabilidade das florestas africanas, já alvo de deflorestação para a venda comercial da madeira ou para aumento de áreas de cultivo. As florestas vêem-se, assim, também, alvo das populações locais que cortam e queimam a madeira para produzir carvão, para consumo próprio, mas, também, para comercialização local.

Além do impacto sobre as florestas, o consumo deste tipo de energia tem ainda outros efeitos potencialmente nefastos.

Um exemplo é o dos efeitos sobre a saúde, principalmente de mulheres e crianças (os seus maiores utilizadores são os núcleos familiares de áreas rurais). Geralmente utilizada dentro de casas com fraca ventilação, a poluição provocada pela combustão da lenha é equivalente a fumar 2 maços de cigarros por dia e, de acordo com a OMS<sup>2</sup>, as doenças respiratórias já se tornaram numa das principais causas de morte nos países em desenvolvimento. Outro dos efeitos nefastos reporta-se à ineficaz conversão da biomassa em calor, já que o carvão é utilizado em fogueiras ou fornos caseiros que levam à perda de calor e, conseqüentemente, à colheita excessiva de matéria-prima, gerando um ciclo vicioso que perpetua a deflorestação.

Alternativas? Existem, mas não estão ao alcance da generalidade da população. As energias como o querosene ou o GPL, por exemplo, não são substitutos acessíveis economicamente ou disponíveis à maioria da população, quer no que diz respeito ao custo do combustível, quer na aquisição do

**RESERVAS PROVADAS DE PETRÓLEO EM ÁFRICA 1988-2008** (mil milhões de barris)

|                    | 1988        | 1998        | 2007         | 2008         | 2008 (% do total) |
|--------------------|-------------|-------------|--------------|--------------|-------------------|
| Argélia            | 9,2         | 11,3        | 12,2         | 12,2         | 1,0               |
| Angola             | 2,0         | 4,0         | 13,5         | 13,5         | 1,1               |
| Chade              | -           | -           | 0,9          | 0,9          | 0,1               |
| República do Congo | 0,8         | 1,7         | 1,9          | 1,9          | 0,2               |
| Egipto             | 4,3         | 3,8         | 4,1          | 4,3          | 0,3               |
| Guiné Equatorial   | -           | 0,6         | 1,7          | 1,7          | 0,1               |
| Gabão              | 0,9         | 2,6         | 3,2          | 3,2          | 0,3               |
| Líbia              | 22,8        | 29,5        | 43,7         | 43,7         | 3,5               |
| Nigéria            | 16,0        | 22,5        | 36,2         | 36,2         | 2,9               |
| Sudão              | 0,3         | 0,3         | 6,7          | 6,7          | 0,5               |
| Tunísia            | 1,8         | 0,3         | 0,6          | 0,6          | -                 |
| Outros em África   | 1,0         | 0,7         | 0,6          | 0,6          | -                 |
| <b>Total</b>       | <b>59,0</b> | <b>77,2</b> | <b>125,3</b> | <b>125,6</b> | <b>10,0</b>       |

Fonte: BP Statistical Review of World Energy, Junho de 2009. Disponível em: <http://www.bp.com>

**RESERVAS PROVADAS DE GÁS NATURAL EM ÁFRICA 1988-2008** (em triliões de metros cúbicos)

|                  | 1988        | 1998         | 2007         | 2008         | 2008 (% do total) |
|------------------|-------------|--------------|--------------|--------------|-------------------|
| Argélia          | 3,23        | 4,08         | 4,50         | 4,50         | 2,4               |
| Egipto           | 0,33        | 1,02         | 2,07         | 2,17         | 1,2               |
| Líbia            | 0,83        | 1,32         | 1,54         | 1,54         | 0,8               |
| Nigéria          | 2,48        | 3,51         | 5,22         | 5,22         | 2,8               |
| Outros em África | 0,82        | 0,84         | 1,21         | 1,23         | 0,7               |
| <b>Total</b>     | <b>7,68</b> | <b>10,77</b> | <b>14,54</b> | <b>14,65</b> | <b>7,9</b>        |

Fonte: BP Statistical Review of World Energy, Junho de 2009. Disponível em: <http://www.bp.com>

próprio equipamento para a sua utilização. Uma alternativa estrutural viável seria a difusão da energia hidroeléctrica, mas o desenvolvimento desta indústria em África tem sido lento.

As bacias hidrográficas e os rios existentes em África têm capacidade para providenciar o fornecimento de electricidade a toda a população mas, em 2002, apenas 7% do potencial hidroeléctrico económico e técnico do continente estava a ser explorado. Os projectos de construção da Grande Inga, na República Democrática do Congo (RDC), uma megabarragem que deverá

produzir 39.000 Mw de electricidade (mais de 1/3 do total de electricidade actualmente produzido em África) e da Inga 3, também na RDC, deverão produzir energia que será exportada para países vizinhos, mas também para o Egipto e para a África do Sul, tendo para isso o apoio da SADC – *Southern Africa Development Community*, e do NEPAD – *New Partnership for African Development*. Esta cooperação é essencial se tivermos em consideração que a água não está distribuída de forma equitativa pelo continente, concentrando-se nas zonas tropicais húmidas de África central

e ocidental. Contudo, além de lento, o desenvolvimento desta indústria tem também sido direccionado por interesses económicos e políticos e, actualmente, os grandes consumidores desta energia em África são as empresas multinacionais, a indústria e as minas. A percentagem da população com acesso à energia eléctrica é muito reduzida e está essencialmente concentrada nas áreas urbanas.

**Conclusão**

Ao falar dos recursos naturais em África, não é possível ter em conta apenas o petróleo (e derivados) e em como a sua exportação tem aumentado face a outras regiões tradicionalmente produtoras, nem apenas referir a imensidade de minerais preciosos existentes<sup>3</sup>. Isso seria negligenciar outras potencialidades inerentes ao continente, como os recursos hídricos aqui referidos. A pobreza do continente reside no facto de estas potencialidades enfrentarem obstáculos tão diversos como conflitos internos (ver mapa em anexo), má governação, falta de cooperação (regional ou internacional), falta de investimento e criação de infraestruturas. ■

\* Com Rita Duarte

<sup>1</sup> HOLMBERG, Johan – *Natural Resources in sub-sabaran Africa: assets and vulnerabilities – Current African Issues*. Nordic Africa Institute n.º 39 Uppsala 2008.

<sup>2</sup> Dados de Outubro de 2008.

<sup>3</sup> Devido ao limitado investimento aplicado à investigação, há zonas em África ainda por explorar. Por exemplo, só em Março de 2007 foram descobertas importantes quantidades de urânio na Namíbia.

**Referências**

Nordic Africa Institute. Disponível em: <http://www.nai.uu.se/publications/download.html/978-91-7106-624-4.pdf?id=25268> [consultado a 8 de Janeiro de 2010].  
 BBC. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/7860561.stm> [consultado a 8 de Janeiro de 2010].  
 WHO. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs310/en/> [consultado a 10 de Janeiro de 2010].  
 International Rivers. Disponível em: <http://www.internationalrivers.org/en/node/345> [consultado a 16 de Janeiro de 2010].  
 MACK, Andrew (coord.) – *Human security Report*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005 [Consultado 04/01/2010]. Disponível em: <http://www.humansecurityreport.info/index.php?option=content&task=view&id=28&Itemid=63>.

**RESERVAS MUNDIAIS DE CARVÃO EM 2008** (mil milhões de toneladas)



Fonte: BP Statistical Review of World Energy, Junho de 2009. Disponível em: <http://www.bp.com>